

O entre-lugar e os conflitos ideológicos nas narrativas de Chinua Achebe e Paulina Chiziane

Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra (UEPB)

Resumo:

“A paz dura pouco”, do escritor nigeriano Chinua Achebe, narra a saga de Obi Okonkwo, nascido em uma aldeia de etnia ibo, na Nigéria, que é contemplado com uma bolsa de estudos para cursar Direito na Inglaterra. Obi passa por problemas de ordem sentimental e financeiro, seduzindo-se pelo poder do dinheiro, recorre a vários meios ilícitos, é acusado e levado ao tribunal de justiça e à iminente condenação. “O sétimo juramento”, da moçambicana Paulina Chiziane, narra o ritual de iniciação de David, que recorre à feitiçaria para ascender ao poder político, com a ajuda de um nynaga, um feiticeiro que em troca almeja o poder sobre a família de David. Os dois romances tratam do desejo de emancipação de dois homens, aprisionados pelos costumes ancestrais e submersos em conflitos ideológicos e éticos. O escopo desse trabalho busca analisar a compreensão do entre-lugar (BHABHA, 2010) nessas narrativas africanas de países distintos: entre a cultura africana tradicional e a europeia, entre a cultura urbana e a rural.

Palavras-chave: conflitos, identidades, Entre-lugar, Moçambique, Nigéria.

1 Introdução

Albert Chinualumogo Achebe nasceu em 1930, na aldeia de Ogidi, sudoeste da Nigéria. De uma família cristã evangélica, seu pai era catequista e pregador, Achebe educou-se em escolas inglesas, e o seu nome fora escolhido em homenagem ao príncipe Alberto, marido da rainha Vitória de Inglaterra. Dotado de um estilo crítico e contundente, Achebe destaca nas obras publicadas em língua inglesa, o respeito pelos valores tradicionais da cultura Igbo, seu grupo étnico, apesar de ter vivido em um país que possui mais de 250 etnias e 500 línguas.

Em meados dos anos 1940, Albert renuncia ao seu nome britânico em favor do seu nome indígena, Chinua. Formou-se em jornalismo, foi diplomata e interessado na política africana, na depreciação que o ocidente faz sobre a cultura e a civilização de África, bem como os efeitos da colonização do continente pelos europeus. Faleceu em 2013, nos EUA, em um hospital de Boston.

Os romances do nigeriano Chinua Achebe tratam das considerações a respeito da colonização britânica sobre a Nigéria e, depois sobre a descolonização, além dos efeitos sobre a cultura Igbo, dividida entre a ancestralidade da cultura oral em um mundo dominado pela cultura da escrita. A ancestralidade étnica de Igbo representa na obra de Achebe, a base e o contraponto a partir do qual compreende a realidade da Nigéria. No final da década de 1960, Achebe exilou-se na Inglaterra, em seguida, nos Estados Unidos. Atuou como diplomata no período conflituoso entre o povo ibo e o governo nigeriano. Nesse contexto, a relação existente entre o autor e a formação cultural, conduz as obras literárias, *O mundo se despedaça*, *A paz dura pouco* e *A flecha de Deus*, ao modo da sua

compreensão política nigeriana, ou seja, um autor que não admite o uso da palavra vitimização para qualificar a África, mesmo com a corrupção e a violência no continente africano, que trata a principal temática de *A paz dura pouco*, publicado em 1960, e reeditado pela Companhia das Letras, em 2013.

2 *A paz dura pouco*: entre a tradição e a modernidade

Em *A paz dura pouco*, Chinua Achebe narra a saga de Obi Okonkwo, nascido em uma aldeia de etnia ibo, na Nigéria, é contemplado com uma bolsa de estudos para cursar Direito na Inglaterra. Conhece a nigeriana Clara, e no navio de regresso à Nigéria iniciam um relacionamento amoroso conturbado. Por motivos culturais, Clara é impedida de casar-se com Obi porque é uma *osu*, espécie de pária da sociedade nigeriana. Obi passa por problemas de ordem sentimental e financeiro, seduzindo-se pelo poder do dinheiro, recorre a vários meios ilícitos, é acusado e levado ao tribunal de justiça e à iminente condenação.

Em *A paz dura pouco*, Achebe retoma a temática do embate entre os conflitos pessoais da tradição africana e o exercício das leis ocidentais, vividas por Obi Okonkwo. O fato de ter sido corrompido pelo valor irrisório de uma propina leva a personagem aos bancos dos réus, logo nos primeiros capítulos da narrativa.

A sucessão de fatos trágicos, pelo qual Obi enfrenta sentenciam o seu destino. Pessoas que haviam investido em sua educação sentem-se traídas pelo fato dele ter se deixado levar pelo sucesso e lucro fácil. Homens, como o Sr. Green, defendia que era a favor da igualdade entre brancos e negros, mas acreditava que a igualdade não mudaria os fatos de que “os africanos, ao longo de muitos séculos, foram vítimas do pior clima do mundo e de todas as doenças inimagináveis. Não é culpa deles, é claro. Mas o fato é que foram mental e fisicamente solapados. Nós trouxemos para eles a educação ocidental. Mas de que isso adianta?” (ACHEBE, 2013, p. 12).

A partir desse pensamento, a trajetória de Obi Okonkwo nutre uma carga de elementos comuns. Na cidade de origem de Obi, Umuofia é um vilarejo de língua ibo na Nigéria Oriental. Seus habitantes possuem em comum com o protagonista, o fato de alguns se espalharem por cidades da Nigéria, retornam para a cidade, de dois em dois anos, para passarem férias ou economizam suficiente para compra de casa e casamentos. A União Progressista de Umuofia reúne-se para tratar do caso de Obi Okonkwo. O problema desse caso, é que Obi cometeu traição à União, quando aceitou a propina, pois havia sido financiado pelos compatriotas para estudar na Inglaterra. Mesmo contrariados, resolvem ajuda-lo, assinalando o argumento do presidente da união: “um irmão de etnia em apuros precisa ser salvo, e não acusado, a raiva contra um irmão de etnia era sentida na carne, e não no osso” (ACHEBE, 2013, p.14).

Achebe destaca a contradição vivenciada por Obi, a forma de compreender e ser aceito em um universo de contrastes. O fato de receber propina desencadeia em uma série de problemas, marcada pela ambição de Obi. Nesse contexto, o apoio da União em relação à Obi, consistia em investir em sua formação na Inglaterra, para quando retornasse à Nigéria, pudesse auxiliar seus irmãos de etnia, retribuindo os valores que a educação britânica oferecera.

Nesse contexto, as expectativas dos antigos moradores de aldeias e membros das tribos mantem as relações de processos de rápida modernidade e urbanização, destacando o passado tradicional nigeriano, enfrentando as ampliações de um local que se transforma. A Nigéria, oficialmente, se tornou independente somente em 1960, antes desse momento,

Haniki, em *História geral da África*, discorre a forma como os britânicos e os demais colonizadores desenvolveram uma teoria universal do colonialismo que se aplicasse a todos os aspectos da subsistência nas colônias.

Jamais definiram qualquer método que se assemelhasse a um sistema prático universal de colonialismo. Na verdade, essa generalização seria impossível num colonialismo imposto a povos de cultura, costumes e tradições extremamente diversos e que viviam em meios muito diferentes. Aliás, reserva-se ampla autonomia aos administradores coloniais para adequar cada situação segundo as condições locais (HANIKI, 2011, p. 437).

A migração intensa e a identidade, em questão, são temáticas recorrentes, em *A paz dura pouco*, a disputa pelo poder, e a busca pela fama. O dilema do romance carrega o propósito de um mundo em transição, desde o processo de educação das crianças sob o protetorado britânico na Nigéria, ao processo de destruição das aldeias, imposição de uma cultura, que subjuga outra, transforma valores, abusa do poder para fazer com que os outros revejam o seu mundo em uma visão distorcida, ou como afirma Achebe (2012, p. 84),

O vasto arsenal de imagens depreciativas da África que foram coletadas para defender o tráfico de escravos e, mais tarde, a colonização, deu ao mundo uma tradição literária que agora, felizmente, está extinta; mas deu também uma maneira particular de olhar (ou melhor, de não olhar) a África e os africanos que, infelizmente, perdura até os dias de hoje.

A situação de Obi em outro país, em um local onde raramente poderia falar a sua língua, desencadeava o propósito de ser aceito e respeitado por seus pares. O processo identitário causava o conflito em Obi, principalmente, quando a vergonha de estudar outra língua, diferente da sua, provocava a supressão da sua cultura e tradição. Dividido entre dois mundos, esperançoso em poder ter ascensão profissional, mas com o dilema de esconder a sua língua para ser compreendido pelo estrangeiro.

Obi falava ibo toda vez que surgia a menor oportunidade. Nada lhe dava maior prazer do que encontrar, num ônibus em Londres, algum estudante que falasse ibo. Mas quando tinha de falar inglês com um estudante nigeriano de outra tribo, Obi baixava a voz. Era humilhante ter de falar com um compatriota numa língua estrangeira, sobretudo na presença dos orgulhosos donos daquela língua. (ACHEBE, 2013, p. 62).

A língua estrangeira representa o reflexo da contradição de Obi. O sucesso faz parte do trabalho, os estudos, a ambição por uma vida digna, sem as preocupações financeiras pelas quais os pais sucumbiam. Além dos aspectos relacionados às questões profissionais, o relacionamento amoroso de Obi e Clara traduz o dilema da tradição, traz à tona a vivência do respeito aos costumes antigos. Apesar da insistência em casar-se com a moça, Obi não compreende a resistência no adiamento de uma data, que poderia ser considerada importante para ambos. Nesse aspecto, o conflito instaurado diz respeito à condição religiosa da família de Clara. Considerada uma *osu*, é previamente condenada pela tradição

nigeriana de ser uma descendente de uma família que, no passado, cultuou um deus amaldiçoado pelos cultos tradicionais ibo. Ou seja, Clara é considerada uma pessoa impura, cuja tradição condena a união. Obi enfrenta problemas de ordem profissional e emocionais, um dilema de cunho religioso e tradicional. Para ele, só havia uma explicação para tal problemática tradicional:

Era um escândalo que, no meio do século XX, um homem pudesse ser impedido de casar com uma jovem simplesmente porque o bisavô de seu bisavô se dedicara a cultuar um certo deus, desse modo se separando dos outros e se transformando seus descendentes numa casta proibida, até o final dos tempos. Absolutamente inacreditável. (ACHEBE, 2013, p. 87).

Para Obi, a condição dos antepassados religiosos de Clara não surtia o efeito desastroso, porque as próprias tradições sofriam o abalo da colonização britânica. Joseph, que informou a Obi sobre a condição de Clara, não acreditava na possibilidade de um matrimônio com alguém que carregava a ancestralidade religiosa amaldiçoada de seus antepassados, e argumentava: “no futuro, quando todos formos civilizados, todo mundo vai poder casar com todo mundo à vontade. Mas esse tempo ainda não chegou. Nós, desta geração, somos apenas os pioneiros”.(ACHEBE, 2013, p. 90). Percebe-se que as tradições permanecem arraigadas, independente de sua diluição no passar dos tempos, e da vida moderna introduzida na Nigéria. Entretanto, constata-se que o conflito de Obi e a relação desse processo dual estão cada vez mais imbricados, ou seja, é o passado e o presente em plena atividade, reforçando a necessidade de um que complementa o outro.

A problemática da vida religiosa dos antepassados de Clara, não seria aceita pela família de Obi, principalmente de seu pai, um homem religioso, obediente ao Evangelho que pregava. Intransigente em conflitos entre a Igreja e o clã, protestava em relação à união de Obi com Clara: “*Osu* é como uma lepra na mente de nosso povo. Imploro a você, meu filho, que não traga a marca da vergonha e da lepra para a nossa família. Se fizer isso, seus filhos e os filhos de seus filhos até a terceira e a quarta geração vão amaldiçoar sua memória”. (ACHEBE, 2013, p. 153). Nesse aspecto, Obi catalisa conflitos experimentados pelos nigerianos, investido pelas palavras do pai, que respeita essa tradição.

Nesse novo contexto, Achebe destaca no romance o aspecto da tradição, apoiado pelo enredo da condição dos antepassados de Clara, e a organização recente das estruturas administrativas da Nigéria, ou seja, o processo de corrupção, e o entrelaçamento subalternizado das estruturas sempre visando aos interesses britânicos.

Não se sentiam minimamente compromissados em relação ao desenvolvimento dos africanos. Onde quer que se verificasse em desenvolvimento nas colônias geralmente não se tratava senão do efeito secundário de atividade, que desde o início, visavam a favorecer os interesses dos colonizadores (HANIKI, 2011, p. 438).

A respeito da condição de protetorado britânico na Nigéria, Achebe enfatiza a importância de poder se comunicar na língua inglesa, mesmo que isso tenha causado sérias críticas por parte de autores que o condenam por não escrever em igbo. Para o autor, “a língua inglesa não se encontra na periferia dos assuntos da Nigéria; encontra-se totalmente no centro deles. É só em inglês que posso falar com meus compatriotas nigerianos, rompendo duzentas fronteiras linguísticas”. (ACHEBE, 2012, p. 104).

Eliana Reis compartilha da mesma opinião, ao comentar sobre os escritores nigerianos, afirma que “o sujeito africano contemporâneo resulta da articulação e

negociação das tradições culturais nativas, da civilização ocidental, e finalmente, da tradição cosmopolita que caracteriza a atual sociedade transnacional.” (1999, p. 34). Da mesma forma, Appiah (1997), em *A casa de meu pai*, argumenta sobre essa retomada de consciência que os escritores africanos imprimem em sua obra:

É que a relação dos escritores africanos com o passado africano é uma trama de ambiguidades delicadas. Se eles aprenderam a não desprezar nem tentar ignorá-lo e há muitas testemunhas da dificuldade dessa descolonização da mente – ainda estão por aprender a assimilá-lo e transcendê-lo. Eles cresceram em famílias para quem o passado, quando não está presente, ao menos não se encontra muito abaixo da superfície. Esse passado e os mitos do passado de seu povo não são coisas que eles possam ignorar. (APPIAH, 1997, p. 115).

A trajetória dualista enfrentada por Obi, traduz a condição emblemática da Nigéria, um país imerso na valorização de sua cultura e tradição, mas que também carrega a velocidade da inserção da modernidade e o crescimento das cidades, do questionamento ético de Obi, expandido para além de sua própria individualidade, a ascensão através do estudo, do trabalho e, principalmente, da necessidade de aprender a dominar a língua do outro, porém, sem se desfazer da sua própria língua, como enfatiza Chinua Achebe.

3 O sétimo juramento e o entrelugar das culturas

O sétimo juramento (2000), da moçambicana Paulina Chiziane, narra o ritual de iniciação de David, estabilizado financeiramente, recorre à feitiçaria para ascender ao poder político, com a ajuda de um *nynaga*, um feiticeiro que em troca do favor deseja ter o poder sobre a família de David. O romance destaca a mulher em uma sociedade moderna, afastada das aldeias, cenário mais presente nas outras narrativas da escritora.

As mulheres oferecem o tom da narrativa, inseridas em um contexto social moçambicano, dual, que revela a força e o destino da humanidade, no qual tudo é fogo, como sentença à narradora, logo no início do romance. Os contrastes e a dualidade das personagens e dos cenários simbolizam o nascer o e o renascer de um mundo envolvido pela guerra: “Mulher e homem, forte e fraco, fogo e água, desfilam em círculo como as estações do ano. Morre um e vem outro, nunca caminhando juntos para a harmonia da natureza”. (CHIZIANE, 2000, p. 11).

O sétimo juramento representa na figura de David, um homem de cultura urbana que negligencia os problemas da empresa. Por esse motivo, busca ajuda com o feiticeiro das sombras, uma vez que necessita garantir uma vida segura, dotada de bens materiais, luxo e riquezas. A esposa tem maus pressentimentos em relação a David, presente o mal que o rodeia. Seu maior sofrimento é ser adulta e continuar sendo tratada como “atrasada mental” pelo marido. Na voz da narradora, Vera é uma mulher bantu, “tem o coração grande para todos os amores e todas as dores, do marido, dos filhos e de todas as coisas que o mundo tem”. (CHIZIANE, 2000, p. 19).

David faz um pacto com Makhulu Mamba, mestre do império das trevas, que o orienta, através de um ritual de iniciação em Massinga, a terra dos grandes mágicos, Neste espaço, David presta o sétimo juramento: o da feitiçaria. Makhulu Mamba adverte aos iniciados que “feitiçaria não é natureza. É uma escola onde os menos capazes sofrem descontrole cerebral, enlouquecem e até morrem”. (CHIZIANE, 2000, p. 167). Dessa

forma, o feiticeiro exige aos iniciados provas de ingresso. Seleciona os que demonstram capacidade para matar ou morrer em defesa de um ideal.

O desafio de David se insere na oportunidade de ascender ao poder através da feitiçaria. Para isso, a escola é o símbolo da liberdade, pois David já havia prestado seis juramentos: do batismo, da bandeira, do matrimônio, da revolução, da nação, da competência e do zelo (p. 152), o sétimo juramento significa o sacrifícios de valores familiares, o sangue da família. No entanto, o feiticeiro destaca um tipo de escola que necessita de um governo alimentado, não somente pelo amor, mas também pelo ódio: “o mundo está cheio de escolas de amor, mas quem governa precisa de uma escola de ódio para desenvolver capacidades, tanto para construir, como para destruir. Matar ou salvar. A vida de um líder exige a escola do amor e do ódio, porque com o poder não se brinca”. (CHIZIANE, 2000, p. 166).

O mundo de Vera é destruído com o envolvimento do marido com o senhor das trevas. No entanto, quando o filho Clemente comunica a sua decisão de “servir a Deus como curandeiro” (p. 243), vem à tona os seus receios, o desconhecimento da compreensão, percebido por meio do seu *entrelugar*, (BHABHA, 2011, p. 80), dividido entre a cultura africana tradicional e a europeia, entre a cultura urbana e a rural. Clemente argumenta que a mãe seria mais feliz se ele decidisse ser médico: “Mas eu quero ser nyanga. Nyangas e médicos estão juntos na luta pela saúde do mundo. Ficarias ainda mais feliz se eu decidisse ser padre. Nyangas e padres são ambos médiuns, estabelecendo a comunicação entre os deuses e os homens, ambos lutando pela preservação da vida. (CHIZIANE, 2000, p. 244).

Nesse contexto, a compreensão de duas culturas, que se reportam às relações de poder é identificada na figura de *Nyangas*, médicos ou padres, servem como sintetizadores daquilo que Bhabha identifica como uma espécie de

cultura parcial, como um tecido contaminado, e até conectivo, entre as culturas, ao mesmo tempo a impossibilidade de as culturas bastarem-se a si mesmas e da existência de fronteiras entre elas. O resultado é, na verdade, mais algo que se parece como um “entrelugar” das culturas, ao mesmo tempo desconcertantemente semelhante e diverso. (BHABHA, 2011, p. 82).

Chiziane incorpora nesta narrativa, a diversidade do cotidiano das mulheres, da forma como enfatiza, Inocência Mata (2001, p. 187):

É aqui que o texto tece a sua significação alegórica. É verdade que neste romance Paulina revela-nos aquilo que é referido como a “geografia mágica do país” (p. 146), os seus mitos, lendas, estórias fantásticas, o maravilhoso e o fabuloso que a voz narrante vai atualizando em sequências de pormenores que constituem interessantes apontamentos etnográficos (sobre usos e costumes, comportamentos, crenças, rituais de xamanismo, de esconjuro, de amaldiçoamento, de invocação) e funcionam como catálises, na lógica narrativa, para o reconhecimento, ou revelação. (MATA, 2001, p. 189).

Conclusão

A reflexão comparativa entre os dois romances, *A paz dura pouco* e *O sétimo juramento* indicam as contradições e os desafios que simbolizam o mundo das culturas e tradições em choque com a modernidade. Ambas narrativas buscam a conciliação entre o apego a tradição, e o avanço desenfreado de um mundo globalizado.

Os dois romances tratam do desejo de emancipação do indivíduo, porém, aprisionados pelos costumes ancestrais, submersos em conflitos ideológicos que colocam em cheque a sedução do poder ou o respeito pelas tradições. Nesse sentido, consideramos que a compreensão do conceito de entrelugar que (BHABHA, 2010) analisa, ocorre nessas narrativas africanas de países distintos: entre a cultura africana tradicional e a europeia, entre a cultura urbana e a rural, essas dicotomias nos dois romances a problematização do choque de civilizações e a submissão dos filhos em relação aos preceitos familiares.

Em ambos os casos a narrativa encaminha, por meio da história individual dos personagens, para apreender e refletir sobre as circunstâncias nas quais eles existem.

Referências Bibliográficas

- ACHEBE, Chinua. *A paz dura pouco*. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ACHEBE, Chinua. *A educação de uma criança sob o protetorado britânico: Ensaio*. Tradução Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Tradução de Vera Ribeiro; Rev. Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BHABHA, Homi. O entrelugar das culturas...In: (Org.) COUTINHO, Eduardo F. *O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses* (Textos Seletos). Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- CHIZIANE, Paulina. *O sétimo juramento*. Lisboa: Caminho, 2000.
- HANIKI, Martins H. Y. A economia colonial: as antigas zonas britânicas. In: *História Geral da África: África sob a dominação colonial, 1880-1935*. Editor Albert Adu Boahen. Tradução MEC – Centro de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos. 3. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011. (Coleção História Geral da África; vol 7).
- MATA, Inocência. *O sétimo juramento, de paulina chiziane – uma alegoria sobre o preço do poder*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 187-191, 1º sem. 2001.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução Jézio Hernani Bonfim Gutierrez. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- REIS, Eliana Lourenço de Lima. *Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1999.